



O ARGOS

PIAUIENSE

MONARCHIA—CONSTITUCIONAL, LIBERDADE, ORDEM, FRANQUEZAS—PROVINCIAES, E

CONSTITUINTE.

Publica-se uma vez por semana, ou 4 no mez, subcrevese na Typographia Liberal na rua do Norte a 4\$000 por anno, 2\$000 por semestre, 1\$000 por trimestre, e numeros avulsos a 100 rs.: os assignantes teem 20 linhas gratis.

ANNO I.—OEIRAS 18 DE OUTUBRO DE 1851—NUMERO 26.

Nacionalisação do Commercio.

Um dos melhoramentos porque com mais força pugnão os Brasileiros é pela nacionalisação do Commercio; e segundo o estado para que vão marchando as cousas, ou se estabelece o commercio nacional a retalho, com as mais reformas que uma assemblea constituinte deve trazer ao Brasil, para o salvar da desorganisação em que se acha, ou então o povo soberano, uzando de seus direitos, fará convencer ao Monarcha, que è tralho por um arremedo do Conde de Thomar, que lhe embarga de encontrar a verdade no Paço do Rio de Janeiro, e para isso um valente Pedro Ivo, ou outro algum general de igual prestígio e val-

lor, dos muitos que tem o Império, será o Saldanha Brasileiro, e acabará com a perniciosa influencia do bombeiro Joze Clemente, e do africano Euzebio, salvando a monarchia, como aconteceu em Portugal.

E que razão de conveniencia existe para exacerbar-se o povo, e provocalo ao estado de desespero? Assim como tudo se reforma para o regresso, porque motivo essas reformas se não encaminhão aos melhoramentos, que o povo reclama por seus milhões de bocas? Porque se não hade realisar essa ideia nobre e grandiosa de nacionalisar o commercio, tornando exclusivo dos Brasileiros o que se faz a retalho? Por ventura são os filhos do Brasil inhabeis para a vida commer-

cial? Não o acreditamos: e posto que não estejamos em circumstancias de podermos fazer disso uma demonstração, que traga a convicção ao espirito dos nossos leitores, como desejáramos, diremos sempre o que pensamos.

Eaten temos que para um homem tornar-se commerciante não precisa mais do que encetar esse meio de vida, ser laborioso, e ter economia. A riqueza do nosso solo, o luxo e a civilização que na America já vão rivalisando com a Europa, trazem a animação ao trabalho, e este fazendo desenvolver a industria agricola e fabril, facilita as transações commerciaes. O homem laborioso e economico consegue infalivelmente ver o fructo do bom emprego do seu tempo, qual é fazer um peculio da sobra do seu trabalho: esse peculio pois posto em giro de commercio faz ir apparecendo um capital, maior ou menor, segundo as forças de cada um. A continuação do emprego desse capital, e a manutenção do credito do homem em seus tractos, firmão a estabilidade do commerciante. E o que ha aqui que a mocidade Brasileira não possa praticar?

Nós vemos q' (com bem poucas e honrosas excepções) os Portuguezes que vêm para o

Brasil estão muito aquem dos Brasileiros em educação, pois que communmente a emigração Portugueza é da gente mais pobre e desvelida, da gente bruta que lá vive sem abrigio: entretanto não se negará que apenas chega esses exames de portuguesitos estupidos são aproveitados por seus patricios, senhores do nosso commercio a retalho, e mettidos de Caixiros. Esses rapazes com a ambição de adquirir, economisão os seus tenues ordenados, e em breve (com algumas agencias mais, que granzeião na vara e covado, e na gaveta do patrão) tem de seu um capital de 300g. 400g rs., e muitas vezes mais, e com isto declarão-se commerciantes: assentão uma quitanda de viveres, e logo uma loja de fazendas secas e molhados, e em pouco tempo cilos negociante de grosso tracto: porque tem sabido economisar.

Pois se isto acontece com Portuguezes ignorantes, sô porque economisão, porque mativo os Brasileiros, com uma educação mais limada, e em melhores circumstancias não fazem o mesmo? Qual é o lavrador, o fazendeiro, e até o vaqueiro q' não pôde aplicar um filho a via commercial, ou mettendo o de Caixeiro, ou mesmo dando-lhe um capital qualquer para pui-

ciptar? E porque o não fazem?

Ah! Isto é que está o embaraço! O Português encontra o favor e ajuda do seu patricio, que se tem a senhoria do nesse commercio, e o moço Brasileiro não acha um balcão de negociante, onde pratique: os Portuguezes que querem conservar o monopólio commercial, não duvidão auxiliar os seus patricios, fiar-lhe uma e mais vezes, e animal os com milhares de exemplos, e o moço Brasileiro acha sempre as ljas faxadas; acha sempre a velha inimizade para lhe arruinar o credito, e sobre tudo não encontra proteção no governo do seu paiz. O Portuguez não é como o Brasileiro sujeito ao recrutamento, e ao serviço da Guarda Nacional, e por isso é preferido pelos proprios Brasileiros para o mister de Caixeiros.

Sonhos pois desse miseravel estado: criticam-se garantias para os filhos do paiz que se dedicaram ao commercio; á perfeição-se a educação da mocidade Brasileira; dê-se aos nacionaes o exclusivo do commercio a retalho; não se deixem os paes levar por fumaças de fidalguia, lembrem-se que todos os homens são iguaes, e dediquem alguns de seus filhos a vida commercial, que é tão honrosa como a das letras, e das armas, se não mais por sua independen-

cia; e quando o Brasileiro tiver a certeza de que não encontra competencia, e surda guerra ao estrangeiro; quando se convencer que o recrutamento, e o serviço da Guarda N. o não vai retirar a capricho de um governo patraço, de seu balcão ou de sua loja; quando vir que a Lei o protege não terá duvida em seguir a carreira do commercio, porque estará certo de achar nella a sua ventura, e os meios de adquirir um seguro patrimonio para seus filhos, e então serão os Brasileiros milhares commerciantes que os Portuguezes, e não verão diariamente sabi em barra fora os grossos capitães, que nos vem roubar esses traficantes de carne humana, a quem vivem sujeitos os nossos lavradores.

Convença-se o governo que a ideia do commercio a retalho para os Brasileiros hade se realisar, porque ella esta ardeigica como a lembrança do seu nunca esquecido author, o heróe Nunes Machado, e porque de sua effectividade deve provir o engrandecimento da Nação, e os Brasileiros sensatos trabalhão para a prosperidade do seu paiz, e anciosamente desejão vel o feliz. Sim, convença-se disto; e se escravo, como é, do ouro estrangeiro não se anima a ir com o voto da

Nação, deixe de illudir o Monarcha, largue o manto do poder, não provoque mais o povo, e este ordinariamente haverá sem estrondo, o que extraordinariamente procurará conseguir, e hade alcançar.

VIVA A DEMOCRACIA.

P lo estafeta chegado ultimamente do Maranhão, recebemos o—APOSTOLO DO NORTE—que anciosamente esperavamos. A Imprensa Pernambucana conta mais esse denodado Campeão da DEMOCRACIA PURA. Sua linguagem é clara e decididamente Republicana, e a energia com que exprime os seus pensamentos, prova o maior patriotismo e coragem da parte de seu Redactor. Saudamos pois com prazer e gratidão o recebimento dos ns. 1 a 5. Saudamos particularmente, e com toda a fraternidade, ao Illustre contemporaneo, cujos serviços pela Imprensa são de grande utilidade para o Paiz.

Saudamos finalmente em nome da Liberdade ao invicto Pernambuco por ter em si Filhos Defensores das Liberdades Publicas, como o Eloquentes Escrip tor do—APOSTOLO DO NORTE—.

Impresso por A. Luiz de Moraes Castello Branco, na Typ. Liberal.

O Sr. Dr. Athayde de Oeiras, è o mesmo Sr. Dr. Athayde de Caxias, á de ser em toda parte sempre, o mesmo Sr. Dr. Athayde & &, isto é, despota, e ahaz escravo do poder, bajulador, amigo de fazer charo o seu merecimento, tranzigente com os malvados, perseguidor dos innocentes, como acaba de fazer apelando da sentença em que foi absolvido o Sr. Pestana. Tenha o Sr. Pestana mais alguma rezignação—pois que confiamos, que a Relação do Districto nem é instrumento do Sr. Saraiva, nem do Sr. Athayde, nem da Cavalha que em Oeiras o persegue por motivos os mais mesquinhos, e miseraveis que se pode dar.

PENSAMENTO.

Palavras de Deos ao Profeta Izaías.

Porque rasão metteis vós (principes) debaixo dos pés o meu povo, e moeis á pancadas os rostos dos pobres, diz o Sr. Deos dos exercitos?

